

Conservação: uma visão holística

a filosofia sem ciência é cega, a ciência sem filosofia é míope

Resumo rejeitado pela comissão por "não ser científico"

Você sabe quantas espécies estão sendo extintas anualmente?

Tem ao menos uma ideia aproximada? Se respondeu não às duas perguntas, você não está sozinho. Embora estimativas já tenham sido publicadas¹, quase ninguém tem ideia desses números (faça o teste: pergunte por aí). Por que isso acontece?

As campanhas de conservação têm se concentrado em duas frentes que, a meu ver, estão longe de terem a eficácia necessária:

- Uma é o apelo emocional às espécies-bandeira, animais carismáticos, geralmente mamíferos, que chamariam a atenção do público e garantiriam uma área protegida suficiente para ela e para outras espécies do ecossistema. O problema dessa abordagem é que a emoção pode acrescentar, mas não substituir a razão. O público precisa *saber* o que está acontecendo, sob o risco de considerar leviana a nossa preocupação em salvar aquele macaquinho tão fofo².

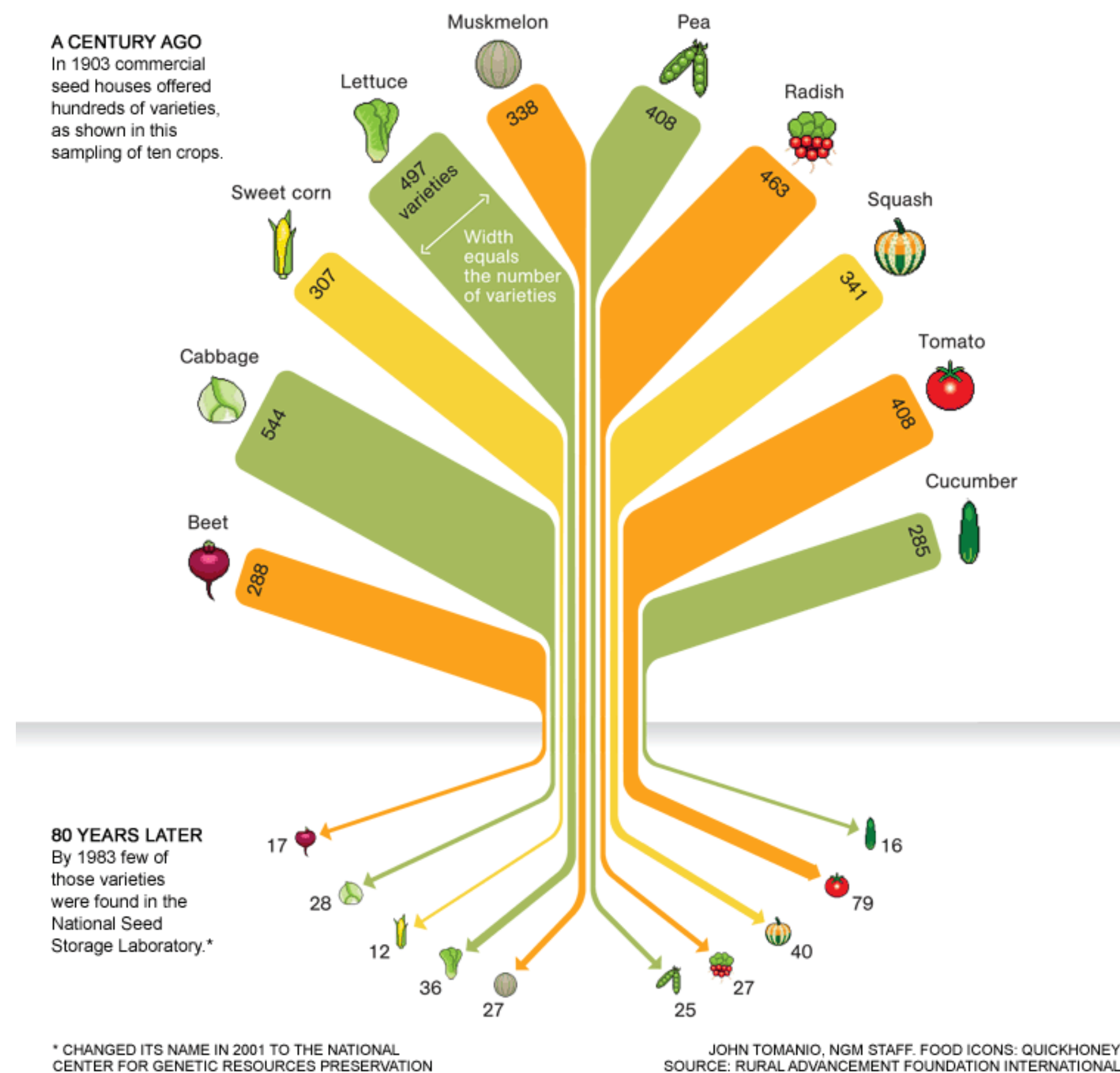
- Outra é a concentração excessiva de esforços em Unidades de Conservação (UCs), enquanto a matriz em que se inserem é entregue ao agronegócio praticamente sem resistência. Quando as terras férteis fora das UCs estiverem degradadas, alguém duvida que o Congresso Nacional – hoje mais alheio que nunca às necessidades do país – não reduzirá as UCs existentes?

Emoção demais, informação de menos

Um dos efeitos do apelo à emoção é a ignorância do público sobre o fato de já termos extinguido milhares ou até milhões de espécies. Fala-se tanto em *espécies ameaçadas de extinção*, que a imagem que fica é que nenhuma espécie (ou bem poucas) foi ainda extinta.

Ultimamente o termo *sexta extinção* começou a fazer parte do debate. Por um lado, é o mais perto que chegamos de informar a magnitude do problema. Por outro lado, a criação de um novo período geológico, o *antropoceno*, é algo *derrotista*: sugere que nada pode ser feito para reduzir, impedir ou reverter o quadro atual, de certa forma diminuindo o ímpeto conservacionista. Além disso, trata-se de uma informação em escala planetária. Quantas espécies já extinguímos e quantas continuamos extinguindo a cada ano apenas no Brasil? Apenas no Cerrado brasileiro? Apenas em Minas Gerais? Se essas estimativas ainda não foram feitas, precisam ser feitas com urgência. E se já foram feitas, precisam ser divulgadas o máximo possível. Caso contrário, o público permanecerá com a sensação de que o problema é *grande demais* para agirmos.

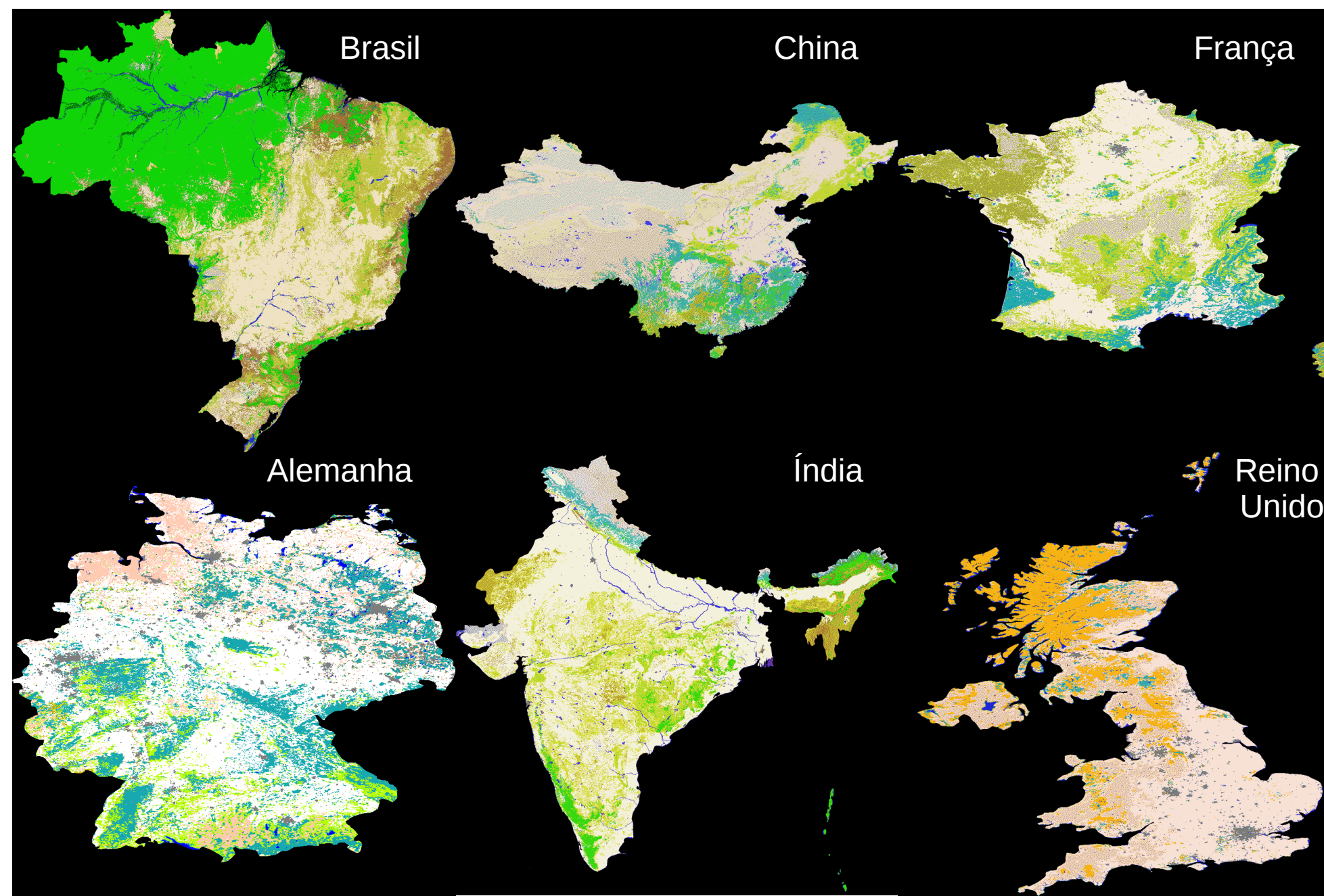
Outro dado que também tem passado longe dos refletores é a extinção da *agrobiodiversidade*. As milhares de variedades agrícolas que a humanidade domesticou, selecionou e melhorou ao longo de milênios estão se perdendo em questão de poucas décadas³, devido ao êxodo rural, à mecanização da agricultura, ao uso de tecnologias (como os transgênicos) que tendem a formar um monopólio das sementes, e à falta de informação e interesse público por esforços específicos voltados a esse tipo de diversidade.



A hegemonia das UCs no imaginário conservacionista

China e Índia são nações de *megadiversidade*⁴, mesmo tendo cinco mil anos de civilização, mais de 1 bilhão de habitantes cada e, no caso da China, com a população concentrada no terço oriental do país. Por que então copiamos o modelo maquinário+NPK dos EUA e Europa, e *desprezamos* a tecnologia milenar que permitiu à China e à Índia manterem a fertilidade natural do solo por 50 séculos?!

Sir Albert Howard passou 40 anos entre esses dois países, e aprendeu que a criação de animais nas mesmas terras onde se faz agricultura é um elemento chave na manutenção da fertilidade⁵. Porém, isso exige que o povo cultive a terra em pequenas propriedades, o que por sua vez exige, no Brasil de hoje, uma Reforma Agrária bem feita. Aparentemente, depois que Mao Zedong tomou o poder na China em 1949 com o auxílio dos camponeses, o êxodo rural passou a ser uma prioridade no Brasil refém do capitalismo. Outras linhas de evidência também indicam que propriedades rurais menores são mais produtivas⁶ (reduzindo assim a pressão sobre as terras agrícolas, e conseqüentemente sobre a biodiversidade). Ainda assim, poucos têm notado que os interesses do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) são os mesmos dos conservacionistas.



O branco representa monoculturas. Os tons de marrom representam mosaicos de cultivo e vegetação natural (no Brasil, geralmente bem mais do primeiro que do segundo). Índia e China, com civilizações bem mais antigas e populações bem maiores, chamam atenção pela conservação dos biomas. Dados do projeto GLC2000⁷.

O papel das ciências humanas

A maior parte da atividade política parte de pessoas formadas nas chamadas *ciências humanas*: direito, administração, comunicação social, sociologia... Logo, esperamos que essas pessoas estejam bem informadas em relação às questões ambientais (entre tantas outras). Porém, a realidade está muito distante disso.

Em primeiro lugar, o currículo de biologia do Ensino Médio costuma deixar a evolução para o final do terceiro ano. E como, nas palavras de Dobzhansky, "nada em biologia faz sentido exceto à luz da evolução", o conteúdo de quase três anos da grade curricular não passa de uma decoreba impalatável e inútil para a grande maioria dos estudantes.

Para piorar, esse projeto de cidadania, onde todos os cidadãos deveriam estar minimamente informados sobre os conhecimentos científicos da humanidade, tem sido desqualificado com o uso de adjetivos pejorativos como positivista, materialista, cientificista, reducionista, etc. Não adianta explicar que a ciência é probabilística, o chamado *posmodernismo* já decidiu que "tudo é conhecimento", que "cada um tem a sua verdade", e que a chamada *ciência moderna* é o grande vilão por trás dos problemas atuais. Considerando que os donos das grandes empresas continuarão usando o método científico para obter resultados, e o povo segue cada vez mais desencorajado a entender como a ciência funciona, temos uma sociedade de castas, onde os dominadores entendem, e os dominados podem apenas recuar, assustados, frente a novidades que não podem compreender. O resultado, claro, é um debate entre surdos, quando há debate.

Um exemplo são as deliberações do CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), que controla, entre outras coisas, a liberação de *organismos geneticamente modificados* (OGMs). Os conselheiros da instituição dão seus votos, favoráveis ou contrários à liberação de cada OGM. Os que são contrários justificam, enumerando as razões pelas quais consideram que não há segurança suficiente para a produção em larga escala. Geralmente são boas razões, incluindo falta de dados para atestar a segurança, amostras não representativas, resultados fora das especificações internacionais, argumentos inverificáveis, análises estatísticas frágeis e até procedimentos ilegais. Mas, no jargão posmoderno, "essa é a verdade deles". Já os que são favoráveis à proposta "têm sua própria verdade", ou seja, podem retribuir a propina recebida votar em favor dos lucros da empresa proponente, sem precisar sequer contra-argumentar as falhas metodológicas apresentadas pelo outro lado. Um debate de surdos.

Como se tudo isso não bastasse, vemos charlatões (considerados "pensadores") como Boaventura de Sousa Santos acusando Darwin de ser mero "imperialista inglês", e jogando na lixeira 150 anos de pesquisas sérias em biologia num único (e mal escrito) parágrafo.

Antes mesmo da moda atual de denegrir as ciências modernas como culpadas pelos problemas atuais (ignorando o papel do capitalismo, da desregulação financeira, dos monopólios, das megacorporações, da obsolescência planejada, do consumismo estimulado pela propaganda, etc), a evolução biológica já era ensinada de uma forma distorcida, ou apenas substituída por uma ideologia chamada *darwinismo social*. Todas as análises que consideram o ser humano um *primata* – logo um animal social que busca o bem do grupo de forma instintiva – são igualmente ignoradas.

Algumas figuras das ciências humanas, como Bruno Latour, chegaram a pedir desculpas pela defesa de um relativismo quase total, que hoje resulta na negação do "aquecimento global" e de várias outras questões ambientais⁸. Infelizmente, ele ainda é minoria, e é de se esperar que o seu *mea culpa* tenha tido muito menos visibilidade que toda a lavagem cerebral que já vem desnortando o público há tantas décadas.

O difícil acesso à ciência

Contribuindo para o quadro pintado acima, está a dificuldade de acesso aos artigos científicos, produzidos e revisados por pesquisadores geralmente pagos com dinheiro público. No meio científico, são comuns desculpas como "o público leigo não entenderia a linguagem técnica" (ignorando um universo de autodidatas) ou "a edição dos artigos justifica a necessidade de pagamento". Mas pagar cerca de R\$100 por *cada artigo*, para serem lidos na tela em até 24 horas (sem direito de salvar ou imprimir), é um *roubo*. Ainda mais considerando os lucros bilionários das empresas que monopolizam a produção científica ocidental. Para nossa sorte, temos uma ferramenta "ilegal" que disponibiliza artigos gratuitos em nome de uma sociedade mais bem informada⁹.

Aquecimento global ou mudanças climáticas?

O negacionismo em relação ao aquecimento global, porém, não se deve apenas ao relativismo instaurado pela moda posmoderna. Se os meteorologistas são incapazes de prever se choverá na semana que vem, como podem prever como o clima será alterado nas próximas décadas? É uma dúvida razoável. Por isso muitos preferem o termo *mudanças climáticas*, que parece bem mais sensato. Ainda assim, o debate se estende (geralmente o mesmo debate de surdos), enquanto ameaças *incontestáveis* à biodiversidade, como o desmatamento, não recebem a mesma atenção dos veículos de mídia, ao menos no Brasil (pelo contrário, o agronegócio ganha na mídia status de *pop* e benevolente, à custa de propagandas milionárias em horário nobre).

Argumenta-se que o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), cujos integrantes ganharam o Nobel da Paz, seria por isso mesmo digno de confiança. Mas se considerarmos que Gandhi, que expulsou os ingleses da Índia sem pegar em armas, teve negado o mesmo Nobel da Paz (tendo sido indicado cinco vezes em vida), devemos nos questionar quais as reais intenções por trás dessa instituição.

O papel da religião

As civilizações são definidas por seus sistemas filosóficos, que no caso do Ocidente pode ser chamado *sistema judaico-cristão*. Deriva daí o fato da maioria da população, em países como Brasil e EUA, aceitarem como *infalíveis* as profecias bíblicas que pregam, por exemplo, o chamado *Apocalipse*. Para os cristãos, o fim do mundo será um evento *glorioso*, onde o Messias retornará em pessoa para julgar os bons e os maus. Implícita está a ideia de que, quanto mais degradarmos o meio ambiente, quanto maior o caos nas grandes cidades, tanto antes retornará o tal messias¹⁰.

O combate do monoteísmo, de forma geral, faz contra o aborto e a homossexualidade – dois fatores que poderiam contribuir para amenizar a superpopulação – também está na contra-mão da conservação ambiental.

Aparentemente, apenas nos países monoteístas a evolução biológica é negada em nome da fé. A força desse fanatismo parece estar por trás do ensino da evolução apenas no final do Ensino Médio, bem como da completa ausência de cladogramas – o símbolo máximo da Árvore da Vida – mesmo em museus de história natural, enquanto crucifixos ocupam espaço indevido nos órgãos públicos de um Estado supostamente laico.

É bem possível que o monoteísmo também esteja associado à ignorância pública sobre o papel dos *três poderes* da República. O povo demorou para eleger um presidente que melhor o representasse em 2002, mas ainda não aprendeu a votar no Legislativo.

Considerando que o posmodernismo ensinado nas universidades tem reduzido o poder da ciência sobre a opinião pública, é evidente que as igrejas, donas de um poderoso império midiático, tenham voltado ao primeiro plano, agravando os problemas relacionados acima.

Conclusão

Como sociedade, precisamos com urgência reaprender a discutir, apontar o erro como erro, buscar consensos que se aproximem ao máximo da verdade que está lá fora. Precisamos unir movimentos com objetivos próximos e fugir do individualismo que beneficia apenas os donos do capital. Precisamos de mais cidadãos com uma visão global das coisas. Num simpósio sobre conservação, quantos participantes não são especialistas na área?

Referências

- 1 Se estimarmos 30 milhões de espécies na Terra e uma taxa de extinção anual de 0,05%, chegamos a 15 mil espécies perdidas por ano em todo o planeta. O Brasil, sendo ao mesmo tempo um dos maiores repositórios de biodiversidade e também "celeiro do mundo", deve abarcar uma parcela considerável dessa perda. wwf.panda.org/about_our_earth/biodiversity/biodiversity/
- 2 De fato, a campanha do mico-leão-dourado chegou a despertar sentimentos contrários à conservação, tamanha a insistência na conservação de um animal "inútil", do ponto de vista do senso comum. Campanhas com os dizeres "foda-se o mico-leão-dourado" chegaram a circular na época, incluindo adesivos para carros (www.slideshare.net/CarlaMenegaz/fodaseomicleoadourado). O mesmo sentimento foi visto por ocasião do "bagre do Lula", e também quando um deputado federal declarou que "meio ambiente era coisa de veado".
- 3 ngm.nationalgeographic.com/2011/07/food-ark/siebert-text
- 4 R.A. Mittermeier, C.G. Mittermeier, P.R. Gil. Megadiversity: Earth's Biologically Wealthiest Nations. 2005.
- 5 Sir Albert Howard. Um testamento agrícola. São Paulo: Expressão Popular, 2007. 360 p.
- 6 foodfirst.org/wp-content/uploads/2013/12/PB4-The-Multiple-Functions-and-Benefits-of-Small-Farm-Agriculture_Rosset.pdf
- 7 forobs.jrc.ec.europa.eu/products/glc2000/products.php. Mapas de cada país e legenda disponíveis em www.biodiversus.com.br/nations/nations.php
- 8 winteranthology.com/?vol=5&author=latour&title=critique
- 9 sci-hub.io, sci-hub.cc, sci-hub.bz, ou qualquer endereço utilizado para fugir dos que buscam manter o conhecimento científico longe dos olhos do grande público. Qualquer semelhança com missas medievais rezadas em latim não é mera coincidência.
- 10 Reuber Albuquerque Brandão. O impacto da palavra de Deus – fundamentalismo cristão e a conservação da natureza. Natureza & Conservação, Revista Brasileira de Conservação da Natureza. Outubro, 2008 - vol. 6 - nº2. pp. 8-16.